



Nesta edição:



1 Sinais mais construtivos



3 Balança Comercial da Indústria Gráfica



4 Mercado de trabalho



5 Sondagem da Indústria Gráfica

2017: ainda em queda, mas sinais mais construtivos

Tabela 1 Produção física da Indústria Gráfica

Período	Embalagens Impressas	Indústria Gráfica*	Indústria Transformação
2013*	0,6%	-3,2%	2,7%
2014	-1,9%	-1,8%	-4,2%
2015	-5,5%	-13,9%	-9,9%
2016	-2,3%	-5,8%	-6,6%**
Projeção 2017	-	-0,5%	1%**

Fonte: IBGE, BCB. Cálculo: Decon/Abigraf

(*) Em função do aprimoramento metodológico promovido pelo IBGE, com revisão das séries históricas de produção industrial a partir de 2012, houve alteração da estimativa de produção física da Indústria Gráfica.

(**) Expectativa de mercado para produção industrial, conforme Boletim Focus do Banco Central.

A indústria gráfica seguiu em contração no ano passado. A produção física caiu 5,8% no ano, depois de recuo expressivo de quase 14% em 2015. O resultado é ainda ruim, mas o ano prometia ser pior. A primeira projeção foi de queda de 10% na produção em 2016.

Por trás desse quadro de retração mais modesta há a mudança na política econômica. O resultado foi um alívio que se refletiu na melhora de confiança dos empresários e consumidores. A economia passou a emitir sinais de estabilização, ainda que modestos. Mais recentemente, os acertos da gestão Temer com reformas estruturantes para conter o crescimento das despesas públicas contribuíram para o recuo da inflação e, assim, a queda da taxa de juros pelo Banco Central.

A queda da inflação ao longo de 2016 foi importante elemento de descompressão de custos. O índice de custos da indústria gráfica mostrou alguma moderação ao longo de 2016. No fechamento do ano, a alta foi de 8% ante 9,6% na média de 2015. O alívio, ainda que modesto, foi mais concentrado em insumos. O custo da mão-de-obra continuou subindo em ritmo forte, comprimindo as margens das empresas. Já o benefício do relaxamento monetário sobre a atividade será colhido apenas em 2017, uma vez que a política monetária tem efeito defasado. Na abertura por setores, as atividades de impressão (CNAE 18.1) foram as mais penalizadas, com queda de 7,6% na produção física, apesar da contribuição temporária da campanha eleitoral municipal, que beneficiou

alguns segmentos, conforme foi possível identificar na sondagem da IG do 3º trimestre.

A fabricação de embalagens de papel registrou queda mais discreta, de 2,3%. O resultado não surpreende. Além da natural resiliência do setor, a produção de embalagens não sofre como as atividades de impressão a concorrência com o mundo digital. Um fator positivo para a produção da IG foi a reversão do déficit comercial observado desde 2007, como reflexo, em boa medida, da depreciação cambial. A balança comercial registrou superávit de US\$36 milhões ante déficit de US\$ 108 milhões em 2015. Exportações cresceram 8% e importações declinaram 32%. A economia brasileira é bastante fechada ao comércio internacional, e a IG particularmente.



Mais recentemente, os acertos da gestão Temer com reformas estruturantes para conter o crescimento das despesas públicas contribuíram para o recuo da inflação e, assim, a queda da taxa de juros pelo Banco Central.

As exportações têm peso modesto na produção total, bem como as importações no consumo doméstico de produtos gráficos. De qualquer forma, na margem, este foi um fator adicional para evitar quedas mais pronunciadas na produção, principalmente pela menor concorrência do produto importado.

Em relação aos dados de emprego, foram 10.507 vagas liquidamente fechadas em 2016. À luz da contração da produção, esse quadro era, infelizmente, inevitável, principalmente com pressão ainda forte para reajustes salariais. Quanto maior a pressão de custos do fator trabalho, maior o risco de demissões.

Apesar disso, as demis-

sões foram mais modestas do que em 2015, quando quase 16 mil postos foram liquidamente fechados.

O mesmo movimento de arrefecimento de demissões foi observado na indústria de transformação. Demissões fortes, mas um pouco mais modestas em comparação a 2015.

Os investimentos também recuaram. Ano passado foi o sexto ano consecutivo de queda na importação de máquinas e equipamentos da IG. A contração foi de 26% em relação a 2015. Certamente há elevada demanda reprimida por investimentos que poderá começar a se materializar em 2017.

Apesar do quadro ainda

frágil, sendo que alguns setores da IG enfrentam restrições estruturais, as perspectivas para 2017 são mais favoráveis. A projeção é de queda bem modesta de apenas 0,5%, o que significa estabilidade da produção. De um lado, o setor de embalagens deve migrar para o território positivo, em linha com o crescimento estimado do PIB (no boletim Focus, a estimativa é de +0,5%). Por outro lado, setores mais sensíveis à concorrência com produtos digitais devem seguir em contração.

Uma observação importante é que, segundo a sondagem do 4º trimestre, as gráficas fizeram importante esforço para ajuste de suas finanças,

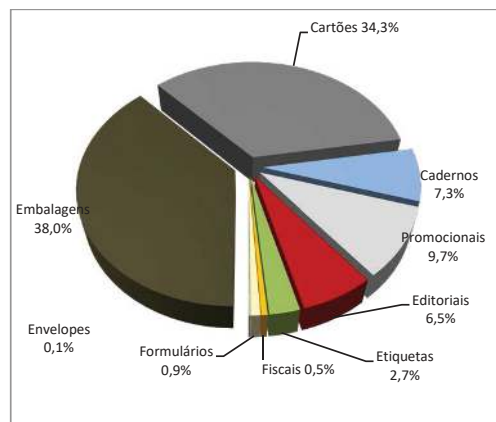
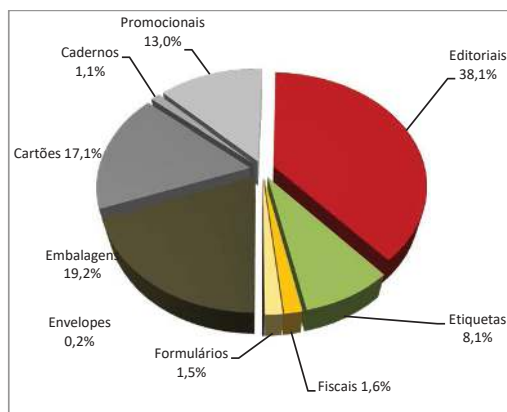
o que poderá ser importante aliado na recuperação do setor e na retomada de investimentos. 2017 será um ano de transição. Ainda não será o ano de colher muitos frutos. O mercado de crédito segue muito apertado e o ajuste do mercado de trabalho não se completou.

No entanto, é justo considerar um quadro mais construtivo, principalmente no segundo semestre, com o efeito do corte de juros sobre o mercado de crédito e sobre a economia se materializando.

A mensagem para o empresário é de cautela em 2017, mas com postura construtiva. ■

Balança Comercial fecha o ano com superávit

Participação dos segmentos da indústria gráfica brasileira nas exportações e importações*



Fonte: MDIC. Elaboração Decon/ABIGRAF.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a balança comercial da indústria gráfica encerrou o ano de 2016 com superávit de US\$ 36,3 milhões - o primeiro resultado positivo após 10 anos.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a balança comercial da indústria gráfica encerrou o ano de 2016 com superávit de US\$ 36,3 milhões - o primeiro resultado positivo após 10 anos. Esse resultado deve-se ao acréscimo de 8% no montante exportado e redução de 32% no valor das importações, ambos em relação a 2015.

O montante importado pela indústria gráfica recuou 32% em relação ao ano anterior, totalizando US\$ 257,0 milhões. As compras realizadas no exterior tiveram como principal origem: China, Estados Unidos e Espanha, esses países detêm 51% do valor gerado pelas importações.

Itens do segmento editorial foram os produtos mais importados, representando 38% do total. O valor de importação foi de US\$ 98,0 milhões – redução de 35% frente a 2015. Os itens tiveram como principal origem Estados Unidos (24%), China (18%) e Reino Unido (12%).

O segmento de embalagens, que registrou retração de 36%, importou US\$ 49,4 milhões equivalente a 19% do total. Os principais fornecedores desse produ-

to foram: China (41%), Espanha (17%) e Itália (7%). Com o montante de US\$ 43,9 milhões, o segmento de cartões impressos foi o terceiro maior importador de produtos gráficos do ano; também apresentou retração de 38% frente a 2015. As três principais origens desses produtos foram: Estados Unidos (32%), Suíça (23%) e França (16%).

Referente as vendas externas, o segmento de embalagens teve aumento de 6% no montante exportado em relação a 2015, e foi responsável por 38% das exportações de 2016. Os principais destinos desses produtos foram: Uruguai (17%), Estados Unidos (11%) e México (10%).

O segmento de cartões impressos representou 34% do valor exportado pela IG, com um montante de US\$ 100,6 milhões – 15%

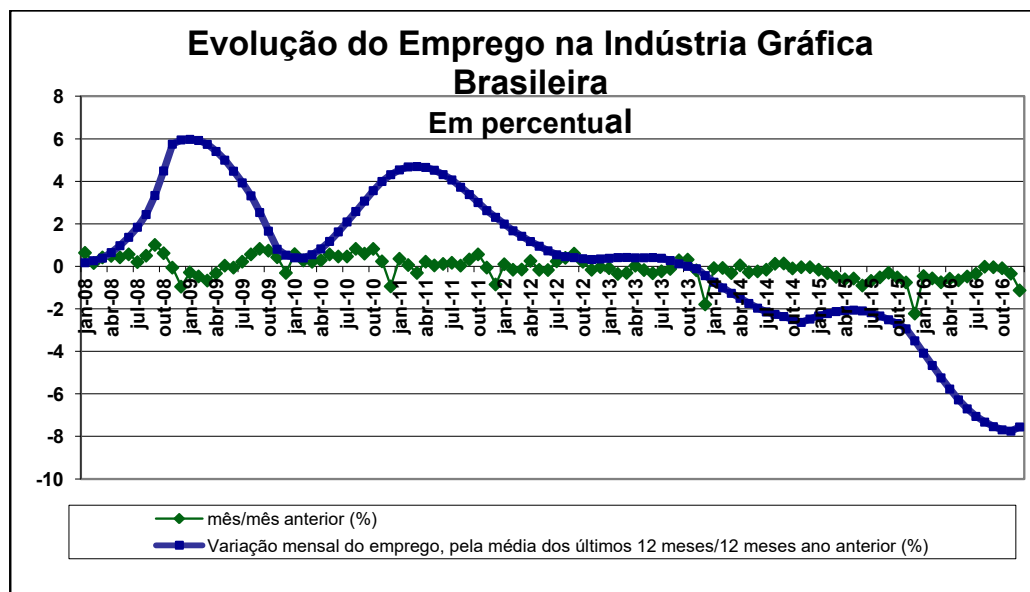
superior a 2015. Nossos principais compradores foram: Peru (13%), Chile (12%) e Jordânia (10%).

As exportações de produtos promocionais registraram aumento de 15% se comparado a 2015, e 10% do total exportado (US\$ 28,4 milhões). Os destinos desses produtos foram: Estados Unidos (27%), Arábia Saudita (11%) e Venezuela (8%).

Concluindo, o superávit comercial obtido em 2016 está associado principalmente ao encarecimento do produto importado decorrente a valorização do dólar frente ao real, que encareceu o produto importado e consequentemente fez com que as importações recuassem com o câmbio fortalecido o cenário estava propício para a exportação. ■



Número de desligamentos apresenta redução



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: DECON/ABIGRAF.

No ano de 2016 a indústria gráfica também foi fortemente impactada pelo cenário econômico do país, com a queda da atividade econômica no setor e o elevado nível de ociosidade dos fatores de produção, estima-se que este cenário tenha gerado no ano passado, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE), o encerramento de 10.507 postos de trabalho formais, em relação ao ano anterior houve queda de 34%.

Após registrar desaceleração ao longo de três trimestres, o saldo negativo quanto à geração de em-

prego voltou a registrar alta, no quarto trimestre houve um corte líquido de 2.960 funcionários no período. Somente no mês de dezembro foram encerrados 2.149 postos de trabalho.

Na abertura regional, o saldo de admitidos e desligados teve a seguinte distribuição: Sudeste (-6.691), Sul (-2.012), Nordeste (-818), Centro-Oeste (-651) e Norte (-335). Apesar de ainda registrar saldo negativo, o número de desligamentos em relação a 2015 apresentou redução em quatro das cinco regiões – apenas no Centro-Oeste houve aumento de 20% nas demissões.

Analisando os dados por

faixa etária, houve contratações nas faixas iniciais - de até 17 anos e entre 18 e 24 anos, ainda assim, essa abertura de postos de trabalho não foi suficiente para tornar o saldo entre admitidos e desligados positivo. Nos anos de 2014 e 2016, essas duas faixas foram as únicas a gerar empregos no setor, esse movimento pode ser explicado como uma alternativa para reduzir gastos com mão-de-obra, já que pessoas com idade dentro desse intervalo geralmente possuem pouca experiência e/ou baixa qualificação, além da possibilidade de outros regimes de contratação como estágio e jovem aprendiz que possuem carga horária re-

Apesar de ainda registrar saldo negativo, o número de desligamentos em relação a 2015 apresentou redução em quatro das cinco regiões (...)

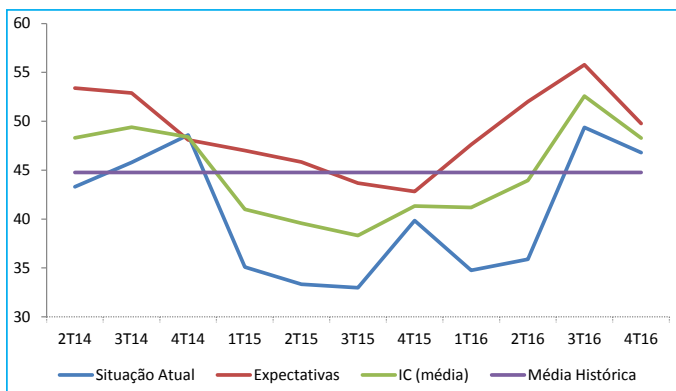
duzida, proporcionando maior redução de custos.

A indústria gráfica contratou 372 funcionários oferecendo remuneração de até um salário mínimo, essa faixa salarial é a única a gerar emprego no setor nos últimos três anos; a baixa remuneração está associada ao perfil do funcionário, pessoas com de até 24 anos e com ensino médio completo.

Em relação a 2015, estima-se que o saldo de postos de trabalho na indústria gráfica encerre 2016 com retração de 5%, totalizando 188.872 empregos ativos. No ano foram admitidos 45.801 funcionários e desligados 56.308, ambos com queda, respectivamente, de 20% e 23%. O gráfico, acima, descreve os resultados da indústria gráfica brasileira. ■

Apesar do recuo no quarto trimestre, confiança do setor está acima da média histórica

Gráfico 1: Índice de Confiança (0-100)



O Índice de Confiança (IC) do Empresário da Indústria Gráfica Brasileira atingiu, no quarto trimestre de 2016, a marca de 48,3 pontos, em uma escala de 0 a 100. O IC recuou 4,3 pontos em relação ao trimestre anterior, após dois trimestres de alta. Embora o indicador tenha ficado abaixo da linha de neutralidade (50 pontos) está acima da média histórica que é 44,8.

O recuo do IC foi causado pela queda de 2,6 pontos da componente Situação Atual

para 46,8 pontos e, mais fortemente, pelo recuo de 6,0 pontos do Índice de Expectativas para 49,8 pontos.

Como observado com frequência, o pessimismo do empresário aparece mais associado às condições atuais dos negócios do que às expectativas futuras.

O quadro econômico do país segue frágil, o que explica a componente Situação Atual mais deprimida, enquanto o avanço da agenda econômica de ajuste da economia contribui para uma maior confiança

em relação ao futuro.

Essa queda de confiança do empresário da IG também foi observada por outras pesquisas de confiança, como da FGV. A razão pode ser um realinhamento de expectativas após as altas dos trimestres anteriores puxadas pela mudança política no país e a consequente renovação da agenda econômica.

Possivelmente, não se trata de sinal de novo ciclo de queda de confiança. Os sinais da atividade econômica poderão seguir frágeis, mas o relaxamento monetário em ritmo mais contundente poderá ajudar a melhorar o humor dos empresários.

No caso da IG, o calendário eleitoral pode também ter influenciado o resultado, ainda que marginalmente. Algumas empresas foram beneficiadas com a campanha eleitoral, conforme identificamos na sonda-

gem anterior, e, passada a eleição, os dados de produção voltaram a recuar.

No recorte por porte de empresas (Tabela 1), o microempresário continua a demonstrar pessimismo. O resultado não surpreende à luz da maior vulnerabilidade do segmento, muitas vezes ficando mais sensível ao ciclo econômico. Apesar de mais numeroso, esse segmento tem peso muito pequeno na produção do setor. Assim, pela abertura por tamanho de empresa, o resultado da sondagem é melhor do que aquele refletido no indicador geral.

Na abertura regional (Tabela 2), todas as regiões estão com IC abaixo dos 50 pontos, porém o pessimismo está menos acentuado no Sul e Sudeste e para esta edição ambas as regiões aparecem acima da média. No Sudeste a componente expectativa rompeu a linha de neutralidade, já no Sul o empresário está menos pessimista em relação à situação atual. Sinal é positivo, já que são as regiões que mais concentram a produção industrial.

Tabela 1: IC (0-100) por porte de empresa

Porte da Empresa	Situação Atual	Expectativa	Índice de Confiança
MICRO	38,1	48,2	43,1
PEQUENA	51,5	50,2	50,8
MÉDIA	55,4	51,9	53,7
GRANDE	58,3	53,1	55,7
TOTAL	46,8	49,8	48,3

Tabela 2: IC por região

	Situação atual	Expectativas	IC
N	28,1	40,6	34,4
NE	42,6	49,5	46,1
CO	40,0	50,0	45,0
SE	47,9	51,0	49,5
S	49,0	48,6	48,8
IC Total	46,8	49,8	48,3

Situação financeira das empresas gráficas brasileiras

Tabela 3: Como avalia a situação financeira de sua empresa (endividamento/receita)?

Muito boa	7%
Boa	27%
Regular	37%
Ruim	21%
Muito Ruim	8%

Tabela 4: Se sim, com quem?

Fisco	38%
Banco	37%
Fornecedores	19%
Outros	6%

Para 37% dos empresários a situação financeira de sua empresa está regular (Tabela 3). O número de respostas positivas (muito boa ou boa) é superior ao de respostas negativas (ruim ou muito ruim), em 34% e 29%, respectivamente. Esse é um resultado

alvissareiro. Em relação ao endividamento das empresas, merece destaque a parcela das empresas que não possuem dívidas em atraso (69%). Esse resultado, considerando a atual situação financeira das empresas, é até satisfatório. O quadro melhorou em relação aos últimos anos.

No terceiro trimestre de 2014 e 2015 o contingente de empresas com dívida em atraso era de 53% e 66%, respectivamente, contra 31% atual.

Entre as empresas que estão com dívidas em atraso, 38% está comprometida com o Fisco, já que se trata de uma dívida com custo

relativamente mais baixo. Em 2015 esse tipo de dívida representava 14% do total, o que indica quadro ainda frágil das empresas. (Tabela 4).

Tabela 5: Quanto a dívida da empresa representa do seu faturamento?

	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1 a 24%	34%	41%	47%	50%	38%
25 a 49%	32%	29%	35%	50%	32%
50 a 74%	18%	12%	18%	0%	15%
75 a 100%	6%	10%	0%	0%	7%
ACIMA DE 100%	10%	8%	0%	0%	8%

Em relação ao percentual do faturamento comprometido com dívidas, 38% das empresas assinalaram ter de 1

a 24% (Tabela 5). Empresas de menor porte são as mais alavancadas, pois têm maior parte de seu faturamento

comprometido com dívida, o que é uma distorção, pois empresas maiores têm maior capacidade de endi-

Tabela 6: Sua empresa tem tido acesso a crédito?

Bastante	2%
Normal	40%
Muito pouco	29%
Nada	28%

vidamento. Esse retrato é reflexo da crise financeira das empresas, principalmente de menor porte.

Tabela 7: Dentre as empresas com receitas em atraso (75%), quanto o atraso representa do faturamento?

	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1 a 24%	72%	78%	85%	82%	77%
25 a 49%	23%	16%	11%	18%	18%
50 a 74%	3%	2%	2%	0%	2%
75 a 100%	2%	4%	2%	0%	3%
ACIMA DE 100%	1%	0%	0%	0%	0%

O crédito segue escasso, com 58% dos empresários afirmando que suas empresas tiveram muito pouco ou nenhum acesso a crédito. (Tabela 6). Empresas de menor porte são as mais afetadas.

O resultado está em linha com Sondagem Industrial da CNI, em que o índice de acesso ao crédito regis-

trou 30,8 pontos (escala de 0-100), o que indica dificuldade por parte das empresas para obter crédito.

O crédito restrito é preocupante, pois agrava a inadimplência.

Dentre as dívidas em atraso, vale citar o atraso no pagamento de fornecedores, gerando problemas na cadeia

produtiva. Apesar de 19% das empresas da IG afirmarem ter dívidas em atraso com fornecedores, 75% apontam que estão tendo dificuldades para receber de seus clientes, sendo que no terceiro trimestre de 2015 esse contingente era de 91%. Embora o quadro tenha melhorado, ainda é preocupan-

te. Ao todo 77% das gráficas têm de 1 a 24% de atrasos de clientes em relação ao faturamento (Tabela 7). O problema afeta de forma relativamente semelhante empresas de todos os portes.

CONCLUSÃO

O quarto trimestre foi menos positivo que o terceiro trimestre, com queda do índice de confiança. Houve um realinhamento de expectativas, após a relativa empolgação com os sinais de renovação da agenda econômica no pós-impeachment. Isso vale principalmente para empresas de menor porte, que têm participação menor na produção da IG.

Ainda que não se possam descartar novos recuos da confiança, por conta da fragilidade da economia, a tendência é de recuperação ao longo do ano, conforme o ciclo recessivo se completar. O corte de juros pelo Banco Central poderá ajudar neste movimento.

A situação financeira das empresas segue preocupante, mas com melhora em relação aos anos passados, mostrando que houve importante esforço dos empresários para ajustar as finanças das empresas. A maior preocupação agora são as dívidas com o fisco. A dívida bancária se reduziu.

Esse ajuste das empresas é importante ingrediente para retomada da economia no futuro próximo, ainda que parte dele seja consequência da escassez de crédito forçando o empresário a ajustar a empresa. O acesso restrito ao crédito acaba agravando o quadro de inadimplência. Mais uma vez, a redução da taxa de juros terá papel importante para destravar o crédito.

Finalizando, o quadro ainda é negativo, mas com sinalização mais favorável. 2017 será um ano de transição, com sinais ainda tímidos de retomada. Ainda não será um ano de colher muitos frutos.

É importante que o empresário seja cauteloso na gestão da empresa, buscando ajustar processos e custos, mas atento às oportunidades que podem começar a surgir. Quanto melhor gerenciado seu negócio, maiores as chances de aproveitar as oportunidades. ■



PROJETO BIBLIOTECAS

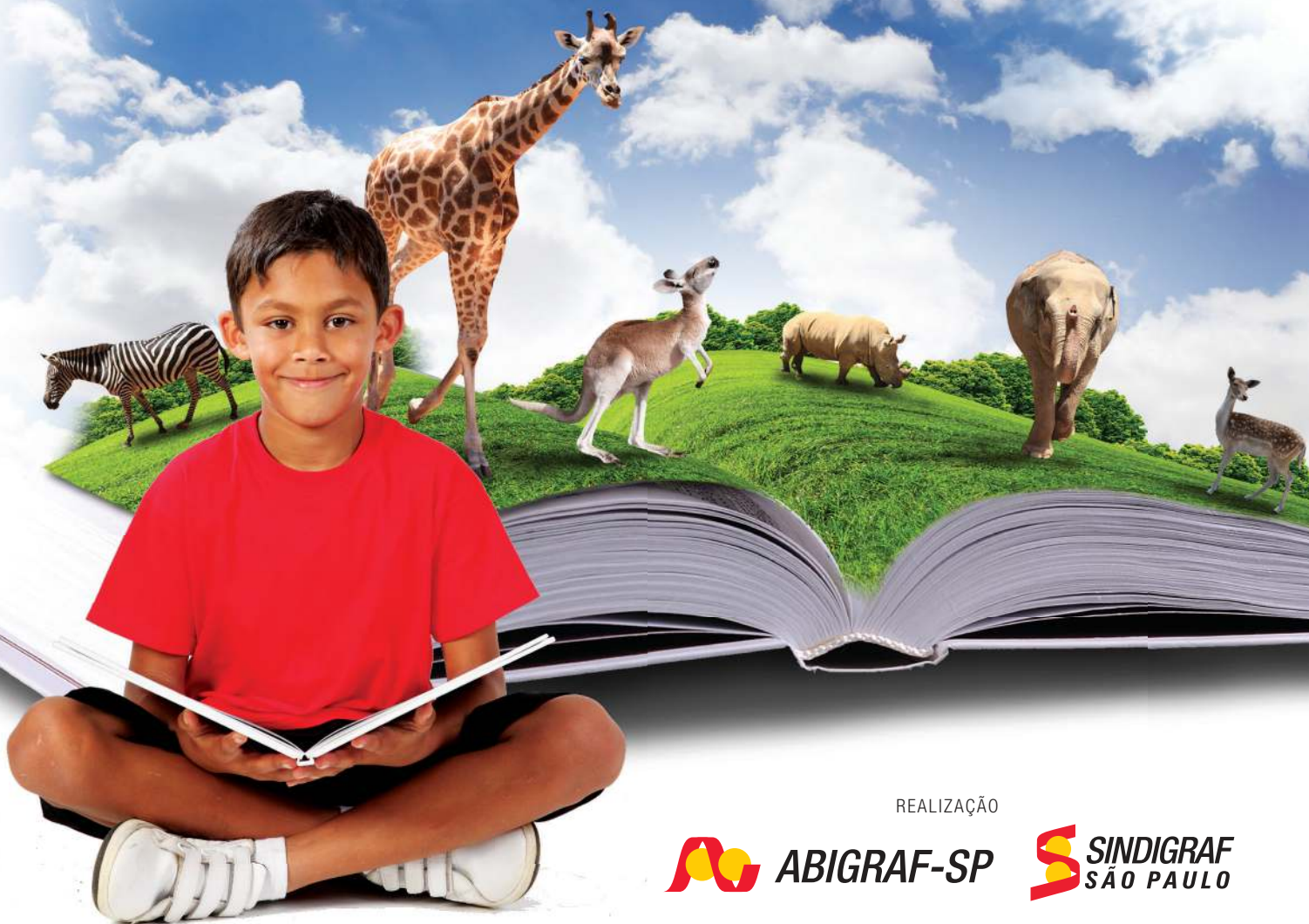
leitura para todos

Criado em 2005 pela ABIGRAF-SP e pelo SINDIGRAF-SP, o Projeto Bibliotecas inaugurou 22 bibliotecas em todo o Estado desde então.

O projeto é realizado em parceria com as Prefeituras Municipais, que cedem espaços para serem equipados com computadores e uma extensa variedade de livros, selecionados pela Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. Chegamos à marca de mais de 20 mil livros doados, sempre com o apoio das Seccionais Ribeirão Preto e Bauru da ABIGRAF-SP, fundamental para a escolha dos espaços que recebem as novas bibliotecas.

A iniciativa ainda contribui para a disseminação da Campanha de Valorização do Papel e da Comunicação Impressa, difundindo informações corretas sobre o uso do papel e seus benefícios junto ao meio ambiente.

Incentivar a educação. É assim que a Indústria Gráfica Paulista investe no futuro.



REALIZAÇÃO



ABIGRAF-SP



**SINDIGRAF
SÃO PAULO**